

ROGER MARTIN DU GARD

PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA DE 1937

O Dia – 02 de dezembro de 1937.

O Prêmio Nobel, este ano, em matéria de literatura, foi buscar um escritor da guerra.

Roger Martin du Gard não representa absolutamente, no seu isolamento em França, escola ou grupo literário.

Vem caminhando sozinho através dos anos, silencioso, carregando consigo as inquietudes do século.

Abandonado pelos companheiros de geração, pouco excêntrico, não sabendo fazer blagues, detestando o humor banal, esse homem que não sabe lisonjear a glória é bem no fundo um grande sofredor.

Retratista de panoramas interiores, sempre com os sentidos despertos para a vida, sério no que pensa e escreve, de uma sisudez clássica, às vezes irritante, Martin du Gard parece ainda ver diante de si, para tortura do seu espírito, a tragédia de 1914.

Só quem perdeu algo de muito querido na hecatombe das nações, estou certo, poderá totalmente aperceber-se das maravilhas de conteúdo emocional desse extraordinário e torturado novelista.

Martin du Gard é um só. Não é revolucionário. Como artista nem mesmo sabe onde possa estar o marxismo. O movimento do “Front Populaire” é uma

avançada de românticos, um golpe de poesia extrema. Sabe sentir e compreender, é o que mais agrada. Primeiro sentir para depois compreender.

Esse homem à procura de tragédia, esse espírito à procura de sofrimento, essa alma eternamente torturada por visões que nunca mais passaram é a inteligência mais aguçada e penetrante do nosso tempo, a mais formidável revelação de homem que sente e pensa de toda uma época alucinada.

Um dos seus protagonistas, Jacques Thibault, reacionário de índole rebelde, faz-se um apóstolo de paz quando vê perigar o patrimônio da humanidade civilizada. Assim Roger Martin du Gard tenta evitar mais conflitos historiando o que foram os passados. Rememorando destruições inúteis. Focalizando aspectos dolorosos de uma tragédia imensa.

O romance “Été 1914”, no que de valor artístico afasta-se de “Les Thibaults”, vem por fim realizar a intenção da obra central de Martin du Gard.

Stefan Zweig, esse interessantíssimo fixador de caracteres, chegou a afirmar que, “se em diversos países se houvessem levantado cinquenta homens com uma decisão como a que Roger Martin du Gard pinta em seu protagonista Jacques Thibault, esses indivíduos heróicos deveriam quicá feito impossível aquela catástrofe mundial”. E Jacques Thibault, em toda sua vida que foi uma só luta, é o próprio Martin du Gard, cheio de mais arrojo, mas forte em suas decisões, dizendo sorridente o que pensa, pensando alto o que sabe ser verdade.

O escritor de “Été 1914” é desses admiráveis da têmpera de Romain Roland. Não é um alheio como aquele impossível Henry de Montherlant. Não é um romântico à maneira de um André Breton ou Marcel Arland. Não chega a ser um imoralista, como esse escandaloso André Gide.

Eu o tenho, em meu juízo crítico, como um desses indivíduos estilhaços, perigosos, sempre espalhando fogo, falando com a contundência de uma lógica irretorquível, penetrante, retalhadora. Eu o comparo, salvo restrições em coisas de técnica literária, ao Malraux de “La Condition Humaine”, aquele sério e arrojado Malraux, romancista revolucionário, mais do que revolucionário porque também rebelde, um homem que arranca de armas para proteger a paz.

É bom lembrar que o chefe do “Front”, sentindo a aproximação da guerra civil espanhola, transportou-se para Madrid, decidido a lutar, uma vez que já julgava “tudo perdido”, com aqueles com quem sentia estar a verdade.

Um ponto, porém, é bom que fique bem claro. Martin du Gard, atualmente é outro, bem diferente, bastante distante dos anos que já passaram. O aparecimento de “Les Thibaults” foi de logo após a guerra. Todo esse tempo, ele ficou, por assim dizer, afastado, conservou-se indiferente aos grupos, fez com o isolamento o silêncio mais completo em torno de sua existência. E com que gosto – contam os que ainda se conservam seus amigos – privam daquele bucolismo político, daquelas geniais convicções que ficaram lá para dentro.

O destino aprecia mesmo muitas curvas como esta. De “Les Thibaults” a “Été 1914”, a distância é tão imensa, tamanha é a mudança de atitude perante a vida que não sabemos o que apreciarmos mais: o Martin du Gard provocador, arrogante, gritador, ou se o Martin du Gard silencioso, poeta da própria vida, quieto, indiferente.

Creio que não desconhecia o júri que lhe ofereceu o Prêmio Nobel deste ano esse tumulto invisível de atitudes, essa pronúncia diferente sempre e sempre clara, o Martin du Gard exteriorizado e depois interiorizado, os dois Martin du Gard: o revolucionário e o pacífico, o interessado e o descrente.

Homens como Roger Martin du Gard só conhecem extremos. Detestam os meios termos. Homens sem amarras, de vida livre, pensando certo, homens de revoluções, são sínteses admiráveis de uma época.

Quem quiser, pouco mais de perto, sentir e conhecer, para analisar, o que é a inquietação do nosso mundo, do mundo que nasceu da alvorada do século vinte, tome das obras de Roger Martin du Gard e ali encontrará a própria explicação dos nossos complexos vitais.

Martin du Gard, como homem expoente, característico da época presente, representativo do indivíduo que hoje vive, é o escritor mais real, menos fantasista, por isso, em França, o intelectual menos afeito à crítica fácil.

O Prêmio Nobel em ninguém ficaria melhor. Premiaram já a tristeza apocalíptica de um Knut Hansum, a languidez literária de um Sinclair, as inversões